



O livro "Hoje Fiz Um Amigo", do designer Pedro Evangelho, será apresentado a 27 de janeiro no Porto Martins. Para o autor é urgente "começarmos a pensar num corpo literário infantil que reflita os temas açóricos".

PEDRO EVANGELHO, DESIGNER

## "Vejo poucos livros infantis que abordam a insularidade"

É ARTISTA E JÁ REALIZOU MUITOS TRABALHOS NA ÁREA DA ILUSTRAÇÃO. DE QUE FORMA SURTIU A OPORTUNIDADE DE ESCREVER UM LIVRO?

Na verdade, não me considero um artista. A minha formação em design gráfico fez com que eu criasse alguma resistência a um eventual percurso artístico. O design é uma disciplina de projeto e, tal como a arquitetura, tem como primeiro objetivo a resposta a problemas concretos. São áreas que não descaram o contributo que, idealmente, devem à comunidade. As manifestações artísticas, por outro lado, são mais individualizadas, dependendo muito do artista e da sua efabulação pessoal (é certo que estou a pensar sobretudo nas belas artes, uma vez que o conceito pode não encaixar para situações mais contemporâneas, como happenings, arte site-specific ou outras que exigem interação ou ativação do público). Como refere Daciano da Costa, o designer trabalha para o trivial e o artista para o excepcional. Tenho consciência que muitos dos objetos que desenho enquanto designer acabam no lixo, mas sei que contribuí, de alguma forma, para um espaço público mais culto. Ora, a ilustração entra aqui como uma das peças que o designer joga no tabuleiro, como também acontece com a fotografia, por exemplo. Fui desenvolvendo mais a ilustração porque sempre gostei

de desenhar bonecos, sobretudo quando estão num contexto editorial. Este livro surgiu como uma proposta de álbum ilustrado à editora Araucária, que aceitou o repto. A partir daí, desenvolvemos um fantástico trabalho de equipa, que envolveu os conselhos da editora Blanca Martin Calero e as sugestões do designer José Albergaria. Tenho até alguma dificuldade em reclamar o trabalho como sendo exclusivamente meu, já que o contributo destas pessoas foi fundamental para o produto final. Deixo aqui um agradecimento especial à Araucária, que se aventurou



**ESTREIA NA ESCRITA.** "Vejo poucos livros infantis que abordam a insularidade e, mais concretamente, a açorianidade"



**PEDRO EVANGELHO.** "A minha formação em design gráfico fez com que eu criasse alguma resistência a um eventual percurso artístico"

num autor desconhecido. E uma longa vénia a todo o seu trabalho, que é verdadeiramente alienígena no contexto das publicações açorianas. A Araucária ama verdadeiramente os livros, pelo conteúdo e pela forma. As suas publicações são objetos que dificilmente passam despercebidos numa livraria.

**QUAL É A HISTÓRIA QUE A OBRA "HOJE FIZ UM AMIGO" NOS CONTA E QUAL FOI A INSPIRAÇÃO PARA A ESCRITA DA NARRATIVA?**

O livro trata de uma breve amizade entre um menino ilhéu e um cagarro. Mas eu diria que a verdadeira personagem principal é o espaço onde decorre a ação. Vejo poucos livros infantis que abordam a insularidade e, mais concretamente, a açorianidade. Acho que a leitura se torna mais prazerosa quando nos identificamos com o tema abordado no livro. Na verdade, a sociologia da educação mostra que quanto mais distante estiver a cultura do estudante da cultura escolar dominante, mais violento se torna o processo de aprendizagem. Acho urgente começarmos a pensar num corpo literário infantil que

reflita os temas açóricos. Como bem mostram os preocupantes índices de desenvolvimento humano dos Açores, a região não tem conseguido aproximar os jovens açorianos do sucesso escolar. Temos de começar a pensar cedo e ambiciosamente nos materiais que disponibilizamos nas escolas, procurando mobilizar o prazer da leitura. Estamos quase nos 50 anos da Autonomia Regional e não vejo, como está a acontecer nas comemorações dos 50 anos do 25 de Abril, uma coleção de livros infantis que aborde questões políticas. Acho que seria um ato de inteligência se a Assembleia Regional mimetizasse a Assembleia da República e lançasse uma série de livros infantis sobre cidadania, poder local, liberdade, autonomia, eleições, etc. Esta coleção "Missão Democracia" é a manifestação de uma vontade de elucidar os jovens e incentivá-los à causa pública. Nada mais urgente nos Açores, onde escasseia a massa crítica.

**COMO FOI O PROCESSO DE CRIAÇÃO LITERÁRIA?**

Longos passeios pelo Porto Mar-

### “Hoje Fiz Um Amigo”

“O livro trata de uma breve amizade entre um menino ilhéu e um cagarro. Mas eu diria que a verdadeira personagem principal é o espaço onde decorre a ação. Vejo poucos livros infantis que abordam a insularidade e, mais concretamente, a açorianidade. Acho que a leitura se torna mais prazerosa quando nos identificamos com o tema abordado no livro”

tins, sobretudo. Fui escrevendo e desenhando este álbum durante a pandemia, enquanto tinha as aulas da faculdade à distância. O meu primeiro/segundo ano de Universidade, assim como o de

muita gente, foi um tanto atribulado: primeiro, o choque de sair da Terceira e viver sozinho no Porto, depois, o regresso inesperado a casa. Os sentimentos telúricos foram inevitáveis. É como diz o Nemésio, esse apelo do regresso conhece mais impulsos do que razões. Quis verter para o livro essa minha recente açorianidade, que tinha sido ignorada e evitada durante muito tempo. Como já disse, o processo criativo estendeu-se depois com a Blanca. O Zé, com a sua cultura visual fantástica, entendeu o livro e acrescentou-lhe novos significados. Estou grato pela ajuda destes amigos.

QUAL CONSIDERA QUE É, OU DEVERIA SER, A RELAÇÃO ENTRE A LITERATURA E OUTRAS ARTES?

Ah, é longa e secular a tradição entre a literatura e outras manifestações artísticas. Deve ser uma relação estreita, diria.

EM QUE PROJETOS ESTÁ A TRABALHAR E QUAIS GOSTARIA DE DESENVOLVER NO FUTURO?

As minhas prioridades vão agora para o Mestrado em ensino de Artes Visuais. Paralelamente, vou desenvolvendo projetos de design. Gosto muito da lógica das disciplinas de projeto, não me consigo imaginar a abandonar o design. Gostava também de publicar uma BD sobre surf na Terceira.



**EDUCAÇÃO.** “Acho que seria um ato de inteligência se a Assembleia Regional mimetizasse a Assembleia da República e lançasse uma série de livros infantis sobre cidadania, poder local, liberdade, autonomia e eleições”

# editorial

## JÁ CHEGAMOS À MADEIRA?

Ninguém está acima da lei e quem é suspeito de a infringir deve ser investigado. Essa é a função do Ministério Público (magistratura paralela e independente da magistratura judicial) enquanto órgão de administração da justiça, integrado na função judicial do Estado. A Constituição da República Portuguesa e a lei atribuem ao Ministério Público muitas funções, mas uma das mais importantes reside na investigação criminal, garantindo o direito à igualdade e a igualdade perante o Direito, bem como o rigoroso cumprimento das leis à luz dos princípios democráticos. A fase da investigação é recatada, mesmo quando é despoletada por denúncias anónimas, só que quando os alvos são personalidades de relevo na sociedade portuguesa, como é o caso de governantes, de autarcas mas também de grandes empresários não há como preservar a discricção, sobretudo quando a investigação culmina em detenções e constituição de arguidos para serem presentes a juiz de Instrução Criminal. Só que, sobretudo esta última parte, está a virar espetáculo mediático. O último caso é o da Madeira que envolve três detenções (presidente da Câmara do Funchal e dois empresários) e Presidente do Governo Regional constituído arguido. A Procuradoria-Geral da República fez deslocar para a Madeira, em dois aviões da Força Aérea, mais de uma centena de investigadores para as competentes diligências de busca e de apreensão de material de prova, só que os principais órgãos de comunicação social, ao que parece, já tinham deslocado previamente jornalistas para cobrir o “espetáculo”. E se isto aconteceu assim, e partindo do princípio de que os jornalistas não possuem dons de adivinhação, só sendo avisados previamente por quem quebra o segredo de justiça, porventura os mesmos que “passam” documentos da investigação e que no mesmo dia já são comentados nas televisões. A comunicação social, na sua ânsia de obtenção da “caixa” do dia, não se dá conta de que está a ser instrumentalizada e já não consegue discernir sobre o que é ou não interesse público. O que parece interessar é apenas o espetáculo. Ainda sobre o caso da Madeira, há outro pormenor curioso: os três detidos no âmbito da investigação que visa suspeitas de corrupção devem ser ouvidos hoje, no Tribunal Central de Investigação Criminal, em Lisboa e aplicação das medidas de coação. Para Lisboa são “deportados” em avião da Força Aérea. Não conseguimos apurar por que razão porque são ouvidos em Lisboa e não no Funchal? Centralismo? As suspeitas, tal qual descritas, são graves, desde atentado ao estado de direito, corrupção, tráfico de influências. Estaremos à beira do colapso da confiança nos governantes?